

APPEAR Position Paper (1) – November 2003

# A valorização dos vestígios arqueológicos num contexto urbano

Jacques Teller  
LEMA – Universidade de Liège  
Chemin des Chevreuils 1 B52/3  
B-4000 Liège

Anne Warnotte  
In Situ  
Centre de recherche archéologique  
Avenue des Tilleuls 62  
B-4000 Liège

[http://www.in-situ.be/A\\_positionpapers.html](http://www.in-situ.be/A_positionpapers.html)

A partir da década de 1960, os arqueólogos tiveram que reagir urgentemente àquilo a que alguns chamaram de 'erosão da história'. Este fenómeno estava, por si mesmo, ligado a uma aceleração sem precedentes na transformação da cidade, e em particular do seu subsolo, com o desenvolvimento crescentemente substancial das infraestruturas subterrâneas. A questão da valorização deste património só era abordada na conclusão de certas escavações, em consequência de um gradual amadurecimento na disciplina da arqueologia urbana.

Foi só no final da década de 1980 que esta questão passou a ser considerada de forma sistemática. Isto implicou a realização de um grande número de colóquios e de mesas redondas exclusivamente destinados a abordarem a questão dos vestígios arqueológicos. Esses encontros revelaram a natureza complexa do assunto.

### **A especificidade do enquadramento urbano**

A valorização dos vestígios arqueológicos num contexto urbano levanta um certo número de questões. Em primeiro lugar, o que é que se entende por vestígios arqueológicos? Este conceito foi consideravelmente alargado durante os anos mais recentes, por exemplo na arqueologia dos edifícios, que examina a evolução do património edificado. Será que a cidade, como um todo, deveria ser agora olhada como um objecto a ser desenvolvido como se fosse uma espécie de museu? Ou, como era feito até há não muito tempo, ser mantida uma definição muito mais estreita de património arqueológico, limitada a determinados períodos notáveis, tais como os Gregos e Romanos?

A valorização é, por si só, um conceito bastante vago que engloba um certo número de ideias e de conceitos diferentes e, de certa maneira, incompatíveis entre si, variando desde os puramente económicos até ao mais insubstancial simbolismo. O enquadramento urbano é diferente do enquadramento rural por circunstâncias bastante específicas. Estas estão principalmente relacionadas com depósitos arqueológicos altamente concentrados e com factores de degradação bastante distintos, bem como com o desenvolvimento socio-económico e cultural bastante único das cidades.

Alguns afirmam que a valorização dos vestígios arqueológicos urbanos é teoricamente impossível por causa do velho antagonismo que parece opor os arqueólogos aos planeadores. Os primeiros são acusados de pretenderem preservar tudo, enquanto que os outros parecem não ter mais nenhuma ambição do que verem-se permanentemente livres de todos os traços materiais do passado.

Apesar destas dificuldades, foram-se desenvolvendo, durante os últimos anos, um certo número de projectos e de experiências para a valorização de vestígios arqueológicos urbanos. Para se citarem apenas dois dos mais representativos exemplos Europeus, vêm ao espírito a catedral de St. Pierre, em Genebra, e o novo acesso ao Grande Museu do Louvre, em Paris.

Estas experiências, uma boa e outra má, puseram em dúvida uma quantidade de doutrinas arqueológicas anteriormente firmemente mantidas, tais como o lugar das hipóteses, as limitações do restauro e o conflito entre o património e a criatividade contemporânea.

### **Um recurso com um valor potencial a ser explorado**

Hoje em dia é, geralmente, considerado que o melhor método para se conservar o património edificado é mantê-lo em funções como um espaço vivo, no sentido ecológico da palavra, ou, por outras palavras, como um meio mais ou menos apropriado e acomodante para um uso complexo que se irá desenvolver ao longo do tempo. No entanto, os vestígios arqueológicos, através da reutilização, perdem permanentemente a sua função original e, geralmente, algum valor. Portanto, eles mantêm apenas valor

estético, simbólico e cultural. De qualquer forma, este conceito, um pouco sentimental, é muito simplista. Na verdade, os vestígios têm, acima de tudo, um valor científico para os arqueólogos, já que representam a sua fonte primária de investigação, e este valor é quase ilimitado face ao constante progresso dos métodos científicos e analíticos.

O valor de um objecto, em todas as suas partes constituintes, pode ser real ou potencial, mesmo em termos estritamente económicos. O mundo modifica-se, assim como se modificam as atitudes, os gostos e os costumes. O que parece hoje estar obsoleto, pode muito bem encontrar um novo uso amanhã, por exemplo um uso turístico ou cultural. Falamos, portanto, de valor potencial ou, por outras palavras, do valor que um objecto pode vir a adquirir a curto ou a longo prazo <sup>1</sup>. No caso dos vestígios arqueológicos, este valor é particularmente difícil de avaliar por causa das incertezas sobre o seu possível uso no curto, no médio e no longo prazo. Será que o simples facto de se transmitir uma parte do património às gerações futuras pode ser considerado como uma fonte de valor, por si próprio? Por outro lado, deverá a conservação de todos os vestígios arqueológicos ser considerada como um objectivo, por si própria, justificando todos os sacrifícios?

Parece legítimo considerar-se que estão insuficientemente questionadas as razões motivadoras da decisão de se preservarem os vestígios e o uso que se lhes vai dar. A valorização de um sítio arqueológico é parte de um processo controlado por regras e princípios distintos. Sendo aceite como valor facial que o fundamento da pesquisa arqueológica é o aumento do conhecimento sobre o passado, trata-se de um problema bastante diferente, quando se trata de se escolherem e justificarem outros usos para esses vestígios. A análise do seu potencial valor num contexto urbano demonstra ser da maior dificuldade porque depende de dois factores aparentemente antagónicos: por um lado, a cidade, viva, em constante alteração, e por outro, o sítio arqueológico, isolado, intemporal, que deve ser preservado de uma forma permanente. A qualidade do uso que se vai dar a este património vai depender da capacidade para se compreenderem e equilibrarem estes factores.

### Porquê valorizarem-se os vestígios arqueológicos?

Ponderando-se os muitos obstáculos que devem ser ultrapassados e sem a capacidade para se prever com alguma certeza o desenvolvimento bem sucedido do empreendimento, justifica-se que se questione a justeza de se valorizar este património.

A descoberta de vestígios arqueológicos na cidade atraiu rapidamente a curiosidade e a atenção das populações. Desde a década de 1960, isto significou que os arqueólogos tiveram que abrir os sítios ao público durante as escavações, por meio de visitas guiadas a esses sítios. Na realidade, a valorização dos sítios arqueológicos é, meramente, uma extensão e uma consagração desta prática espontânea que parece dar resposta a uma solicitação generalizada do público geral.

Este requisito é explicado por um crescente interesse, demonstrado pelo público, sobre as sociedades do passado e sobre as formas de vida do passado. *Confrontando-se o homem actual, que tem as suas dúvidas e inquietações, com os seus antepassados, por vezes extremamente longínquos, ele [o património arqueológico] traz, com os métodos e as palavras da ciência, alguns elementos de raciocínio a quem quiser responder às grandes questões da existência, e contribui para a redefinição, de outra forma, das relações do homem com as suas origens e, por isso mesmo, com o Universo.* <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> BALLART J., 1997, *El patrimonio histórico y arqueológico : valor e uso*, Ariel, Barcelona. LUXEN J.-L., 1998, Du bom usage du patrimoine : approche économique, *Actes du Congrès de Rhodes sur le développement insulaire durable et rôles de la recherche et de la formation*, pp. 321-327.

<sup>2</sup> COLARDELLE M. e BERGER M.-T., 1999, A valorização do património arqueológico e os museus de sítio, *Cahier do GRHIS*, n.º 9 , pp. 40-63, página 51.

Para além disso, deve-se sublinhar que existe, actualmente, uma tendência para a arqueologia enfatizar o interrelacionamento entre os grupos sociais e o seu ambiente. Assim sendo, isto conduz a uma preocupação que é levantada, de uma maneira muito geral, pelas comunidades em relação aos assuntos ambientais e à salvaguarda do património natural e humano.

A valorização dos sítios arqueológicos não responde apenas às solicitações do público. Ela também responde aos anseios dos arqueólogos em darem a conhecer as suas descobertas e a partilharem-nas com tantas pessoas quanto possível, em vez de as guardarem para uns tantos especialistas. Neste ponto, ela tornou-se popularizada numa dimensão que é encarada universalmente em diversos campos científicos, que vão desde a biotecnologia até às ciências sociais. Sempre que o interesse público esteja claramente estabelecido ou meramente implicado, deve-se ter em consideração que os principais desafios para a sua popularização são a justificação do investimento na investigação e a manutenção de um debate aberto sobre os seus potenciais benefícios para a sociedade. Pode-se aplicar o mesmo à arqueologia urbana, a qual pode atrair enormes investimentos mas representar, ao mesmo tempo, maiores ou menores riscos em termos do desenvolvimento da cidade. Sob este ponto de vista, deve-se compreender que uma obra falhada, ou outra que seja mal administrada, podem ter um efeito negativo sobre a percepção que o público tem da arqueologia.

A valorização de um sítio arqueológico é distinta das outras formas de popularização, já que ela convida o público para aquilo que é, ou que foi, um laboratório de investigação. É claro que isto apresenta benefícios e, também, desvantagens. Os benefícios mais significativos são, sem dúvida alguma, o contacto directo entre o visitante e a evidência tangível do passado, bem como a possibilidade da sua participação no progresso da investigação. Entre as desvantagens, está o facto de uma escavação ser, por definição, um processo destrutivo. É necessário, portanto, prever-se a valorização futura durante o decurso das investigações arqueológicas, num tempo em que a natureza total das descobertas ainda não é conhecida. A decisão sobre quais os vestígios que devem ser destruídos fica, então, investida com novas prioridades. Idealmente, os arqueólogos devem procurar, por todos os meios, antecipar as implicações da preservação após o final das escavações, tomando em consideração os seus objectivos. A adequação das suas decisões depende, então, da sua capacidade para encontrarem o delicado equilíbrio entre a execução de uma cientificamente elevada investigação – sem a qual todas as obras de valorização são espúrias, a preservação dos vestígios arqueológicos para as gerações futuras, e a selecção dos vestígios que devem ser retidos para finalidades educativas, o que possibilitará aos futuros visitantes compreenderem a evolução do sítio. No entanto, deve-se notar que, em muitos casos, a decisão sobre a valorização de um sítio só acontece quando as escavações já estão em curso. Ainda assim, os arqueólogos ficam confrontados com os mesmos desafios.

Finalmente, a valorização do património arquitectónico tem uma dimensão política. A maioria dos vestígios urbanos cobrem um espectro histórico muito vasto, numa escala trans-Europeia, enquanto que, ao mesmo tempo, apresentam uma forma de regionalização, característica da adaptação a um estilo – um estilo de pensamento, de arquitectura ou qualquer outro, num contexto local.

*Quando se acondiciona um sítio arqueológico e quando aí se constrói um museu, procura-se privilegiar o que é original. Ao contrário, a decisão de um investimento para um sítio é tanto mais interessante para os cientistas, assim como para o público, quanto as características desse sítio respondem a um feito de civilização ou a um facto da história de importância supra-local. O ideal é que se possam acumular as duas vantagens, cujo antagonismo é menos paradoxal do que parece.*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> COLARDELLE M., 1997. La présentation archéologique in situ: bilan e perspectives, *Patrimoine et Architecture*, caderno n.º 6-7, Março de 1999, Direction du patrimoine et des sites – Département de l'Aménagement, de l'Équipement et du Logement, Genève, pp. 57-65.

A exploração do património em geral, e dos vestígios arqueológicos em particular, permite a valorização dos atributos específicos de um sítio, enquanto que, ao mesmo tempo, cria laços com outros sítios semelhantes, por vezes distantes, originários dos mesmos contextos sociais, culturais e históricos. A criação de sítis que podem ser visitados pode, então, ser encarada como um potencial factor numa estratégia local e universal para a procura da identidade.

### **A “obra de acessibilidade”, uma abordagem inovadora**

Dentro dos objectivos de uma sociedade viva, a valorização dos vestígios arqueológicos pode ficar reduzida ao nível das acções mecânicas. A transformação dos traços da actividade humana em património a ser valorizado não pode ser vista isoladamente da sociedade a que eles pertencem. Ela tem que ser compreendida como parte de uma obra social e cultural. Tal obra serve para dar novo significado aos vestígios arqueológicos, num contexto em particular, e não apenas de uma forma especulativa e abstracta. Ela motiva a reflexão sobre os objectivos científicos, sociais, culturais e económicos a serem procurados e sobre o relacionamento entre o passado e o futuro da cidade. Esta obra é estratégica pela forma como coloca a arqueologia e a apresentação das suas descobertas num domínio sócio-cultural, conferindo-lhes um papel que pode vir a revelar-se importante.

A expressão “obra de acessibilidade” refere-se a todas as acções que, em conjunto com o progresso da investigação, tenham por objectivo conservar, integrar, valorizar, e explorar os vestígios arqueológicos do subsolo urbano, de uma forma sustentada, por forma a os tornar disponíveis para a população. O significado que deve ser dado a “acessibilidade” é o acto de exibição destes vestígios que consiste em torná-los visíveis, atractivos e compreensíveis de uma maneira compatível com a sua preservação e com a sua utilidade para a investigação.

Nem todos os sítios arqueológicos abertos ao público são, necessariamente, o resultado de um projecto de acessibilidade. Este é definido por uma forma inovadora de se conceber a valorização dos vestígios. Inclui o exame dos objectivos e dos métodos que vai ser necessário empregarem-se, para se tomarem decisões judiciosas em muitas áreas de intervenção. É útil recordar-se que estas decisões devem auxiliar uma preocupação abrangente sobre o sítio, em termos de conservação preventiva e de investigação futura, sem a qual é provável que os resultados sejam desastrosos. Esta última preocupação está longe de ser uma realidade: embora muitos dos princípios sobre a valorização do património arqueológico estejam estabelecidos há mais de vinte anos, os numerosos exemplos de sítios sujeitos a controvérsia demonstram que os seus métodos de aplicação ainda parecem necessitar de mais explicações.

A principal dificuldade a ser ultrapassada durante a implementação de uma obra de valorização está relacionada com o estabelecimento de uma linha de acção comum baseada na lógica e nas práticas – que são frequentemente dinamizadas para objectivos bastante diversos e não necessariamente compatíveis. Para se ultrapassar este obstáculo, a obra de acessibilidade concilia uma abordagem transversal e reconciliadora, estimulada por uma confrontação entre protagonistas. Esta confrontação é crucial para se encontrarem áreas de acordo durante todas as partes do processo, ao mesmo tempo que se mantêm a independência e a integridade de todas as disciplinas.

A originalidade da obra de acessibilidade funda-se na conjunção destas duas forças, tendo numa mão uma reflexão abrangente que considera os elementos arqueológicos e urbanos, e na outra o desenvolvimento de uma abordagem verdadeiramente multidisciplinar. Esta abordagem na exploração do património arqueológico das nossas cidades, mais do que qualquer outra, proporciona conjuntamente os principais trunfos para se criar uma obra urbana reconciliadora do património e do desenvolvimento sustentável de uma forma coerente.

### Referências

Este artigo foi produzido no enquadramento do **APPEAR Project – Accessibility Projects, Sustainable Preservation and Enhancement of urban subsoil Archeological Remains**.<sup>4</sup>

O Projecto APPEAR foi fundado pela Comissão Europeia dentro do enquadramento do programa : Energy, Environment and Sustainable Development<sup>5</sup>, acção chave 4 : a cidade do amanhã e o património cultural, acção 4.2.3 : promoção da integração do património cultural no enquadramento urbano. Contrato número : EVK4 – 2002 – 00091.

---

<sup>4</sup> Projecto APPEAR – Obras de Acessibilidade, Preservação Sustentável e Valorização dos Vestígios Arqueológicos no subsolo urbano.

<sup>5</sup> Energia, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.